

## TUDO DIA A MESMA NOITE: UMA ANÁLISE DA QUEBRA DAS CORRENTES DO LEAD E DA HUMANIZAÇÃO DAS HISTÓRIAS NO LIVRO-REPORTAGEM

**Bianca Aparecida Martins Chagas e Silva<sup>1</sup>, Elizabete Mayumy Kobayashi<sup>2</sup>.**

Universidade do Vale do Paraíba/Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil,

### Resumo

O presente artigo tem o objetivo de analisar a obra *Todo dia a mesma noite: a história não contada da boate Kiss*, livro-reportagem escrito pela jornalista Daniela Arbex e publicado cinco anos após o incêndio que matou 242 pessoas na boate Kiss, em Santa Maria, Rio Grande do Sul. Os aspectos discutidos são a quebra dos padrões do *lead*, estrutura comum do jornalismo diário, e a humanização das histórias, duas características comuns do jornalismo literário. Também serão apontadas outras diferenças fundamentais entre o romance-reportagem e o jornalismo periódico, que fazem parte da construção de propósito do primeiro. Para compreender melhor essas relações dois conceitos primordiais serão aprofundados a seguir: o jornalismo literário e o livro-reportagem.

**Palavras-chave:** Livro-reportagem. Jornalismo literário. *Lead*. *Todo dia a mesma noite*.

**Área do Conhecimento:** Ciências Sociais Aplicadas – Comunicação.

### Introdução

Em 27 de janeiro de 2013, 242 pessoas morreram em um incêndio na boate Kiss, em Santa Maria, Rio Grande do Sul. A cidade é casa da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e de faculdades particulares, onde estudavam vários dos jovens que foram para a boate assistir ao show da banda Gurizada Fandangueira, quando um artefato pirotécnico atingiu o revestimento de espuma no teto e começou a propagar das chamas e gases tóxicos pelo local.

Cinco anos depois, a jornalista e escritora Daniela Arbex publicou pela Editora Intrínseca um livro-reportagem sobre o caso, intitulado *Todo dia a mesma noite: a história não contada da boate Kiss*, onde a autora escreveu o seguinte trecho:

Para quem perdeu um pedaço de si na Kiss, todo dia é 27. É como se o tempo tivesse congelado em janeiro de 2013, em um último aceno, na lembrança das últimas palavras trocadas com os entes queridos que se foram, de frases que soarão para sempre como uma despedida velada (Arbex, 2018, p. 185).

Palavras que vão muito além do chamado *lead*. Segundo Pena (2017), o termo trata-se de uma estratégia narrativa que surgiu no meio jornalístico dos Estados Unidos, durante o século XX, com o objetivo de responder, logo no primeiro parágrafo de um texto, as perguntas: como? Quando? Onde? Quem? O que? E por quê?

De acordo com uma matéria publicada pela jornalista Janaína Lopes no portal G1 do Rio Grande do Sul em 25 de janeiro de 2018, o livro “é o resultado de mais de 100 entrevistas e leitura de 20 mil páginas do inquérito do caso Kiss” (Lopes, 2018).

O trabalho aprofundado de apuração e a escrita literária usadas na construção da obra são características claras do livro-reportagem (Lima, 2004). Arbex (2018) reconstrói, não apenas o momento do incêndio na boate, como também os acontecimentos que antecedem e sucedem a tragédia a partir dos relatos de sobreviventes, familiares de vítimas, bombeiros que atuaram para apagar o fogo e transportar os corpos e equipes médicas e policiais que prestaram atendimento às vítimas, trazendo diversos ângulos da tragédia à tona e aprofundando o evento coberto pela mídia anteriormente.

O objetivo deste artigo é analisar a obra de Arbex, partindo do ponto de vista do Jornalismo Literário e levando em conta a importância da quebra das estruturas padrão do jornalismo cotidiano para aprofundar e humanizar acontecimentos de grande repercussão. Para tal, as obras de Lima (2004) sobre livros-reportagem, de Marques de Melo e Assis sobre gêneros jornalísticos no Brasil e de Pena (2017) sobre Jornalismo Literário serão utilizadas.

## A Ciência do NANO e seu impacto transformador no MACRO

A apuração rigorosa e as técnicas de entrevistas são práticas comuns entre o livro-reportagem e as matérias produzidas pelo Jornalismo Diário, o que caracteriza o jornalista competente. Por outro lado, o que diferencia os gêneros é a linguagem narrativa e a visão pluridimensional com fontes diversificadas.

### Metodologia

Para analisar a obra, primeiro é preciso compreender o que é Jornalismo Literário e o que é livro-reportagem. De acordo com Pena, até a atualidade ainda há dificuldades para definir o Jornalismo Literário como gênero, já que ele deriva de “dois discursos diferentes: o jornalístico e o literário” (Pena, 2017, local 299). Mesmo com essa dificuldade o autor trás características essenciais do gênero no que ele chama de “estrela de sete pontas” sendo elas, de forma resumida: (1) a construção de novas estratégias profissionais sem deixar de lado os princípios vindos do jornalismo diário, (2) a ultrapassagem dos limites impostos pela periodicidade e pela atualidade, sem necessidade de preocupação com o chamado *deadline* – horário final para fechar as matérias de um jornal ou revista – nem com a necessidade de novidade constante, (3) a preocupação em as relacionar informações por diferentes abordagens para gerar a contextualização mais ampla possível, (4) a escolha de temas pensando em uma abordagem que possa contribuir com a formação do cidadão e o bem comum, (5) o rompimento com as correntes do *lead*, (6) a fuga dos entrevistados padrão, como representantes públicos, médicos, advogados, etc., em uma tentativa de trazer novos ângulos para as histórias e, por fim, (7) a perenidade, sem permitir que a obra seja efêmera ou superficial (Pena, 2017).

Entretanto, Pena (2017) reforça que, até o momento, a alternativa é criar subdivisões mais específicas de acordo com os momentos históricos. Entre elas existe quem veja o Jornalismo Literário como o movimento de escritores não jornalistas trabalhando em redações, ou como simplesmente a crítica literária veiculada em jornais, mas também há quem leve em conta como uma prática de *New Journalism* ou quem inclua ao gênero as biografias, a ficção-jornalística e os romances-reportagem (Pena, 2017).

Segundo Lima (2004, p. 26), “o livro-reportagem é o veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos”. O autor ainda pontua que o conceito de atualidade no modelo é visto por uma ótica diferente dos veículos de publicação diária, de forma mais elástica é atualidade aquilo que se relaciona com o contexto contemporâneo, mesmo que seja um tema já deixado para trás pelas mídias de massa ou um acontecimento histórico (Lima, 2004).

O livro-reportagem ocupa, justamente, um espaço deixado pela mídia periódica que, com a rotina imediatista e as questões editoriais envolvidas, não consegue trazer uma visão mais profunda de diversos temas, contendo-se a superficialidade. Portanto, o modelo surge de um grupo de profissionais que deseja “realizar um trabalho que lhe permita utilizar todo o seu potencial de construtor de narrativas da realidade”, indo mais a fundo tanto na abordagem do tema quanto na própria linguagem, que além de técnicas jornalísticas também pode usar da escrita literária (Lima, 2004, p. 33-34).

### Discussão

O livro analisado neste artigo é *Todo dia a mesma noite: a história não contada da boate Kiss* da Daniela Arbex. A autora trabalhou como repórter da TV Tribuna por 23 anos e hoje dedica-se à literatura, com livros como *Holocausto brasileiro*, reconhecido como Melhor Livro-Reportagem do Ano de 2013 pela Associação Paulista de Críticos de Arte e segundo melhor Livro-Reportagem no prêmio Jabuti (2014) e *Cova 312*, vencedor do Prêmio Jabuti na categoria Livro-Reportagem (2016). A jornalista foi eleita a melhor repórter investigativa do Brasil em 2020 pelo Troféu Mulher Imprensa e já recebeu outros 20 prêmios nacionais e internacionais.

A obra foi publicada pela editora Intrínseca em 2018, cinco anos após o incêndio que matou 242 pessoas na boate Kiss. O caso segue com o julgamento aberto até hoje e gerou muita repercussão com parentes e vítimas compartilhando seu luto e pedindo por justiça em redes sociais.

Segundo Silva e Brignol (2013), foram encontradas 143 páginas, 12 eventos e 10 grupos relacionados ao tema apenas no Facebook no ano da tragédia. “Com essa observação, identificamos eventos, grupos, páginas e perfis criados a partir da tragédia através de uma busca no Facebook com

## A Ciência do **NANO** e seu impacto transformador no **MACRO**

as seguintes palavras-chaves: boate Kiss; tragédia; santa maria; vítimas.” (Silva e Brignol, 2013, p. 7). Muitas dessas páginas perduraram mais tempo na internet conectando os parentes enlutados e sobreviventes, neste caso, o livro-reportagem faz um resgate do que aconteceu no passado, relacionando à contemporaneidade que ainda vivia e vive até hoje a disputa na Justiça.

De acordo com entrevista concedida por Arbex ao jornalista André Sollitto e publicada no site da revista *Veja*, em 27 de janeiro de 2022, o livro foi anexado como prova no julgamento do caso da boate Kiss. A autora reforça que o jornalismo pode ser usado como um documento histórico na construção da memória do país:

Algo que me fortaleceu no meu trabalho, especialmente na última década, é ver que estou ajudando a escrever a memória coletiva do nosso país. Dizem que o Brasil é um país sem memória, mas não dá pra perder aquilo que não foi construído. Então esse tipo de registro é necessário. Esquecer é negar a história. Me toca muito perceber que esses trabalhos que fiz servem inclusive como documentação histórica (Arbex, 2022).

Além disso, a obra pode ser classificada como livro-reportagem-denúncia que, seguindo a proposta de Lima (2004, p. 57-58) tem “propósito investigativo, esse tipo de livro apela para o clamor contra as injustiças, contra os desmandos dos governos, os abusos das entidades privadas ou as incorreções de segmentos da sociedade, focalizando casos marcados pelo escândalo”. O livro-reportagem, de qualquer tipo, prolonga a existência de assuntos que, muitas vezes, o público já conhece e que podem já ter sido tratados pela imprensa cotidiana sem tanta profundidade (Lima, 2004).

Por diversos fatores, especialmente por questões econômicas, os veículos de imprensa têm vivido uma rotina de produção distante dos acontecimentos no meio social, com apurações à distância, muito facilitadas pela tecnologia e pela internet. Hoje, vivemos uma era do “jornalista sentado”, termo que surgiu no francês, sendo originalmente chamado de “journaliste assis”, com a ausência do ao “journaliste debout” ou o “jornalista de pé”, ou seja, o profissional que vai para a rua e busca as informações presencialmente (Assis, 2017, p. 43).

Falar sobre rotinas produtivas hoje – com a popularização do jornalismo minuto a minuto disseminado pela internet e flexibilização dos modos de contratação de trabalho – pode parecer antiquado, porém, independente da frequência e do meio em que a informação é divulgada, as redações de jornalismo mantêm um modo próprio de funcionar. Além disso, os próprios jornalistas, seja oficialmente contratado em um veículo ou por meio de um *freela* (trabalhador autônomo que se autoemprega em diferentes empresas ou projetos próprios), seguem um regime definido pela empresa para quem prestam serviços, com padrões de escrita e vídeo, horários e orientações editoriais, o que faz com que os critérios de notícia e outras questões sobre os limites de intervenção do jornalista ainda estejam presentes. (Assis, p. 45-46, 2017).

A imprensa cotidiana “luta contra o relógio”, tendo o compromisso de divulgar os fatos enquanto eles ainda acontecem e não ficar para trás da concorrência no que diz respeito à agilidade de informar o que, muitas vezes a faz compartilhar informações incompletas ou até mesmo imprecisas, na ânsia de informar primeiro (Lima, 2004, p. 32). Um livro não tem o prazo tão apertado, nem tantas limitações comerciais e editoriais por ser um meio mais independente em relação às empresas de telecomunicação. Para escrever *Todo dia a mesma noite*, Daniela Arbex foi presencialmente até Santa Maria (RS) cinco vezes para realizar entrevistas, sendo que, segundo a reportagem publicada no portal G1 do Rio Grande do Sul em 25 de janeiro de 2018, na última viagem para a cidade a autora entrou na boate onde o incêndio aconteceu para conhecê-la pessoalmente, acompanhada de um dos pais da Associação das Vítimas da Tragédia de Santa Maria, que tinha as chaves do local.

O *lead* como fórmula de escrita jornalística serviu para tornar a “imprensa mais ágil e menos prolixa”, o que não deixa de ser uma vantagem, entretanto não é sinônimo de impessoalidade e de jornalismo ético (Pena, 2017, local 187). Para Assis (2017), o jornalismo “além do lead” dá atenção a histórias que, muitas vezes passam despercebidas pela mídia, por estar fora da pauta comum, ou que até chegam a ser veiculadas superficialmente nos veículos periódicos, mas nesse modelo são tratadas com visões mais particulares e detalhadas. Segundo o autor, nesse formato de quebra do *lead*, as pautas se tornam “reveladoras de experiências interessantes e capazes de mexer com os sentimentos das audiências” (Assis, p. 43, 2017).

Durante a leitura do livro sobre a tragédia na boate Kiss, percebe-se que Arbex optou por lançar um olhar que vai muito além das constatações técnicas e numéricas do ocorrido, ela parte das

## A Ciência do **NANO** e seu impacto transformador no **MACRO**

memórias dos entrevistados para trazer ao público uma proporção do impacto emocional e do trauma gerado pelos acontecimentos.

Em um artigo que faz análise de outro romance-reportagem da autora, *Holocausto Brasileiro*, Cordeiro (2024) fala sobre um método comum nos livros de Arbex: utilizar novas perspectivas para trazer mais complexidade aos personagens do acontecimento. “A partir do momento que o leitor tem a noção do passado e presente desse protagonista, suas emoções, suas ambições, suas fragilidades, seus medos e angústias, a história se torna muito mais humana”, o uso da memória dos entrevistados permite, ainda, que o jornalista exponha interpretações de eventos históricos (Cordeiro, 2024, p. 10-13).

Ao fazer esse processo com diversas entrevistas, a autora constrói uma perspectiva de “multivozes”, que é apresentada por Lima (2004) como um arranjo tão bem articulado das diferentes visões de mundo sobre um acontecimento que, simplesmente, soa natural para o leitor. A autora traz, em alguns momentos com sutileza em outros mais diretamente, histórias de vida dos envolvidos realçando um aspecto quase sempre procurados em livros-reportagem com profundidade: a humanização (Lima, 2004).

Isso fica claro no seguinte trecho, em que temos uma visão de uma enfermeira militar que atuou no caso, não só como profissional, mas também como pessoa:

[...] Os bombeiros faziam o rescaldo do incêndio quando a enfermeira cruzou a única porta de acesso à casa noturna. A capitã sabia que algo terrível havia ocorrido, mas nem de longe estava preparada para testemunhar uma cena como aquela. Católica, ela apertou com uma das mãos a medalha de ouro e prata no pescoço, lembrando-se dos dizeres gravados na peça: “Maria, rogai por nós que recorreremos a vós”. Diante do que viu, a enfermeira olhou para o alto, na tentativa de enxergar além do teto da boate destruída, pedindo coragem (Arbex, 2018, p. 33-34).

Todos os artifícios usados para tornar as histórias mais profundas e complexas fazem parte da intenção de escapar da superficialidade e efemeridade comuns do jornalismo cotidiano, uma característica clássica dos livros-reportagem (Lima, 2004). Para Assis (2017, p. 44), essa complexidade que vem do rompimento com as estruturas padrão “faz crer, aliás, que a essência do que se pode entender como bom jornalismo está muito mais nas narrativas de histórias que ultrapassam o lugar-comum do que nos textos que a imprensa parece fazer mecanicamente”.

Afinal, desde a época dos folhetins, as narrativas literárias que eram publicadas nos jornais chamavam atenção do público, aumentando a quantidade de leitores e o deles que compravam o jornal seguinte, muitas vezes pela curiosidade em ler a continuação de uma dessas histórias. Escritores consagrados como Machado de Assis, Aloísio de Azevedo e Euclides da Cunha tiveram narrativas publicadas em folhetins e, só posteriormente, organizadas em livros (Pena, 2017, local 472).

Entretanto, diferente das narrativas dos folhetins que eram puramente ficcionais, nos romances-reportagem nada é inventado, o autor apenas usa da linguagem literária para conduzir uma narrativa baseada na realidade, seguindo os critérios de apuração jornalística. Para Pena (2017, local 1897), “trata-se do cruzamento da narrativa romanesca com a narrativa jornalística. O que significa manter ofoco na realidade factual, apesar das estratégias ficcionais”.

Cordeiro também argumenta, “não é por uso da linguagem literária, ou autoral, que o jornalismo perde a seriedade ou a credibilidade. Pelo contrário, a apuração da informação se mantém igualmente válida” (Cordeiro, 2024, p. 13). Tanto há uma apuração rigorosa que além de entrevistas, muitos livros-reportagem também se baseiam em fatos documentados a respeito dos assuntos tratados. Sem acesso a fontes oficiais documentadas, a autora não poderia embasar a afirmação no parágrafo a seguir:

Já com a boate em atividade, a prefeitura fez uma série de recomendações de adequação do projeto arquitetônico, incluindo a adequação a normas, como a NBR nº 9.077/01, que prevê a existência de saídas de emergência em edifícios. Tais dados constam da petição internacional apresentada em 2017 por sete entidades gaúchas à Comissão Interamericana de Direitos Humanos, da Organização dos Estados Americanos (OEA), na qual é pleiteado o reconhecimento da responsabilidade da República Federativa do Brasil pela tragédia (Arbex, 2018, p.194).

## A Ciência do NANO e seu impacto transformador no MACRO

Lima (2004) ressalta que a modalidade não se distancia da realidade nem se confunde com ficção, ela apenas abre um olhar mais amplo sobre essa realidade, assumindo que ela vai além daquilo que é mais aparente e concreto. O jornalismo pode ir além, entendendo o que os eventos do mundo contemporâneo representam para as pessoas existentes nele e apresentar diferentes perspectivas.

Por isso, o bom jornalista precisa mais do que elaborar boas perguntas, ter a sensibilidade de ouvir as respostas e seguir um diálogo por meio daquilo que elas contam:

Pede, também, um profissional com sensibilidade apurada para a questão da alteridade, isto é, a abertura para a tentativa da compreensão do outro, sem que haja necessidade de endossar a visão de mundo. Afinal, sabemos de antemão o que já conhecemos sobre o mundo alheio. Interessa descobrir o que o outro pensa, sente e faz para criar relatos imersivos e envolventes (Martinez, 2017, p. 27).

Pena (2017, local 1953) fala dessa relação com o jornalismo literário, que funde características da literatura e do jornalismo trazendo como traços básicos “imersão do repórter na realidade, voz autoral, estilo, precisão de dados e informações, uso de símbolos (inclusive metáforas), digressão e humanização”. Para Martinez (2017), é justamente essa linguagem floreada, vinda das características literárias que traz o diferencial com o jornalismo cotidiano, apesar de também poder ser encontrada nele em menor escala representado por elementos como o chamado nariz de cera, jargão jornalístico usado para quando uma matéria não inicia com o *lead*.

### Conclusão

Mecanismos como a quebra do lead e das estruturas padronizadas de texto utilizadas no jornalismo diário, além do esforço em se afastar do lugar comum que se mantém falando dos mesmos assuntos seguindo os mesmos pontos de vista, traz mais profundidade ao jornalismo. Entrevistas que ultrapassam os fatos físicos e aproveitam as memórias, o repertório e as emoções dos entrevistados humanizam os acontecimentos, o que pode torná-los mais memoráveis.

O Jornalismo Literário “usa adereços literários para aprofundar a abordagem sobre fatos reais” (Pena, 2017, local 158). Há muitas maneiras de dizer que muitas famílias sofrem e sempre sofrerão com o que aconteceu na Kiss em 2013, que não podemos deixar esse caso cair no esquecimento para não correr o risco de repetir a tragédia, mas são os recursos literários utilizados no primeiro parágrafo do capítulo que fecha o livro-reportagem sobre o assunto que tornam a mensagem tão memorável e impactante:

Para as vítimas indiretas do incêndio na Kiss, resistir não é uma escolha, mas um imperativo de sobrevivência. Resistir ao cansaço da espera por alguém que não voltará, ao silêncio imposto pela ausência, à dor que teima em ficar, por mais que se queira livrar-se dela. Resistir não só à perda, mas ao esquecimento, que busca sepultar os erros que contribuíram para que o dia 27 de janeiro de 2013 não terminasse para mais de duzentas pessoas. A construção da memória do pior desastre provocado pelo humano na história recente do Brasil é necessária (Arbex, 2018, p. 227).

Segundo Lima (2004, p. 138), “a narrativa jornalística de melhor qualidade beira a arte” e utiliza desse recurso para gerar algum tipo de transformação mental ou até mesmo emocional no leitor, de forma que ele possa tirar algum conhecimento daquela informação. Uma boa e simples definição do propósito do jornalismo literário proposta por Pena (2017, p. 158) é “no dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embrulhar o peixe na feira”.

### Referências

ARBEX, D. Todo dia a mesma noite: a história não contada da boate Kiss. 1. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

ARBEX, D. Daniela Arbex: Quero ajudar a escrever a memória coletiva do nosso país. [Entrevista concedida a] André Sollitto. Revista Veja, 24 jan. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio->

## A Ciência do **NANO** e seu impacto transformador no **MACRO**

[grande-do-sul/noticia/escritora-premiada-daniela-arbex-lanca-o-livro-todo-dia-a-mesma-noite-sobre-a-tragedia-da-kiss.ghml](https://grande-do-sul/noticia/escritora-premiada-daniela-arbex-lanca-o-livro-todo-dia-a-mesma-noite-sobre-a-tragedia-da-kiss.ghml). Acesso em: 14 ago. 2025.

ARBEX, D. Escritora premiada, Daniela Arbex lança o livro 'Todo dia a mesma noite', sobre a tragédia da Kiss. [Entrevista concedida a] Janaína Lopes. G1 RS, 25 jan. 2018. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/ideias/daniela-arbex-quer-ajudar-a-escrever-a-memoria-coletiva-do-nosso-pais/>. Acesso em: 14 ago. 2025.

ASSIS, F. O jornalismo além do lead: rotinas produtivas, anuências e condições para uma prática diferenciada. **Revista Comunicação Midiática**. [s.l.] v. 12, n. 3, p. 40-54, set./dez. 2017 ISSN: 2236-8000. Disponível em: <https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscador.html?task=detalhes&source=all&id=W2887956389>. Acesso em: 12 ago. 2025.

LIMA, E.P. Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 3. ed. São Paulo: Manole. 2004.

CORDEIRO, M. L. Holocausto Brasileiro: o limiar entre história e jornalismo literário. **RealizAção**. [s. l.], v.11, n.1-25, 20 dez. 2024. DOI [10.30612/realizacao.v11i22.18817](https://doi.org/10.30612/realizacao.v11i22.18817). Disponível em: <https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscador.html?task=detalhes&source=all&id=W4405640558>. Acesso em: 06 ago. 2025.

MARTINEZ, M. Jornalismo Literário: revisão conceitual, história e novas perspectivas. **Intercom – RBCC**. São Paulo, v.40, n.3, p.21-36, set./dez. 2017. DOI: [10.1590/1809-5844201732](https://doi.org/10.1590/1809-5844201732). Disponível em: <https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscador.html?task=detalhes&source=all&id=W2774213404>. Acesso em: 06 ago. 2025.

PENA, F. **Jornalismo Literário**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

SILVA, C. M.; BRIGNOL, L. D. Redes sociais online e mobilização: usos do Facebook para ações coletivas no caso da Boate Kiss, em Santa Maria – RS. **Ação Midiática - Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura**. [s. l.], v. 6. 2013. ISSN: 2238-0701. Disponível em: <https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscador.html?task=detalhes&source=all&id=W4389355460>. Acesso em: 13 ago. 2025.

## Agradecimentos

Quaisquer agradecimentos a pessoas ou órgãos financiadores devem ser colocados nessa seção, após as referências. Exemplo de instituição de fomento:

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.